

Para um balanço do partido e do governo

01/03/2005

Sem a esquerda cumprindo seu papel, PT se torna caudatário do Planalto.

Arlete Sampaio*

Há 25 anos, fundamos o PT: uma experiência nova, que se construiu a partir da nossa visão crítica do papel dos partidos tradicionais da esquerda – partidos comunistas e sociais-democratas. Profundamente democrático, plural em suas formulações, vocacionado a ser um partido de massas, fortemente enraizado nos movimentos sociais, o PT rapidamente destacou-se no cenário político brasileiro. Ganhou espaços nos movimentos e nas representações institucionais. Revolucionou as administrações municipais, introduzindo espaços de participação popular, dando transparência à gestão pública, criando instrumentos de controle social, investindo pesado nos serviços públicos, notadamente na saúde e na educação.

Com sua postura de independência e de coerência, 23 anos depois levamos ao governo do Brasil um operário metalúrgico, feito impensável há pouco mais de 10 anos. Esta conquista representa, também, o maior desafio do Partido dos Trabalhadores. Esta é a hora de promovermos as mudanças com as quais nos comprometemos ao longo de nossa história, e a partir das quais ganhamos as eleições em 2002.

Concluimos o segundo ano do governo e nos perguntamos se estamos de fato cumprindo com os nossos compromissos. Lula chegou ao governo com um forte respaldo popular, que poderia ter sido prolongado a partir de reformas substantivas para mudar a realidade brasileira. Mas optou-se pelo caminho de se construir a “governabilidade” institucional. Alianças ampliadas, divisão de poder, acordos no Congresso Nacional. As reformas escolhidas como prioritárias propiciaram um profundo desgaste do Governo com a sua própria base social.

Dura retrospectiva

Terminamos um primeiro ano “comemorando” controle da inflação, redução do risco Brasil, retomada dos créditos para exportação, etc. Mas um forte sentimento de insatisfação e de desesperança tomava o lugar das expectativas e da euforia do primeiro momento. No segundo ano de governo, nos animamos com os resultados da economia: crescimento significativo do PIB, valorização do real frente ao dólar, controle da inflação, mesmo à custa de elevadas taxas de juros, geração de 2 milhões de empregos com carteira assinada.

Ótimo! O Brasil saiu do fundo do poço! Mas e agora? Podemos nos contentar com estes resultados? Existe alguma tendência para que se reverta a perversa pirâmide social do nosso país? Pelo que sabemos, os banqueiros e o agronegócio continuam os beneficiários do nosso crescimento econômico.

Qual o verdadeiro balanço das nossas políticas sociais? Do ponto de vista político, que setores estamos agregando à necessária aliança estratégica para nos manter no Governo? O resultado das eleições para a Mesa Diretora da Câmara dos Deputados deve nos dar a dimensão das dificuldades que temos pela frente.



Esperança. Em 2002, passeata da campanha de Lula, em Rio Branco (AC), pede rompimento com FMI.

A esquerda e o partido

É neste contexto que os setores de esquerda do Partido dos Trabalhadores estão chamados a intervir. Temos afirmado que o PT precisa ser a esquerda do Governo – governo em disputa, governo de coalizão com partidos de diferentes matizes. Pois bem, a esquerda do Partido precisa cumprir o seu papel, sem o que o nosso PT não será a esquerda do governo, mas o caudatário de todas as suas decisões.

Nos aproximamos do Processo de Eleições Diretas no PT, que irá decidir os rumos do Partido e a direção política que implementará estes rumos. É inegável que está em jogo o destino do PT: um Partido democrático, de lutas e socialista ou um Partido adaptado ao jogo do poder?

Este é um debate decisivo, para o qual nenhuma delimitação de tendências internas poderá contribuir. Não se trata de marcar posições. Trata-se de defender o patrimônio político de um Partido que se construiu na luta e que ganhou o reconhecimento do povo brasileiro. Todos estão chamados a defendê-lo.

Entretanto, a esquerda partidária tem um papel primordial nesta discussão. Sem sectarismos, sem as pequenas disputas entre nós mesmos, vamos abrir os nossos corações e mentes e procurar apontar com clareza os rumos que poderão reatar o PT com sua história e com os desafios que estão postos. Rumos estes que poderão dar ao nosso Governo as condições de prosseguir governando o Brasil para cumprir aquilo que se espera de nós: realizar as mudanças necessárias para melhorar as condições de vida de nosso povo.

*Arlete Sampaio é membro da Executiva Nacional do PT, Deputada Distrital, ex-vice-governadora do DF

Compartilhe nas redes: